

Samambaia

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS | GOIÂNIA, NOVEMBRO, 2013

Trabalho Terceirizados sofrem irregularidades no pagamento e falta de materiais
>> 8

O pesadelo do pop >> 11

Indústria fonográfica sobrevive de músicas sem criatividade

A saga do passe livre

Pais de estudantes menores de 12 anos esperam por passagem gratuita >> 9



Diagramação: Júnior Bueno, Murillo Velasco e Larissa Quixabeira
Edição: Jéssica Alencar, Karla Araújo e Laura Machado

Thays Augusto



Saúde

Homens quase não procuram auxílio médico
>> 5

Reprodução

Bicho solto

Atenção à animais na UFG faz com que eles se sintam em casa >> 3



Reprodução

editorial

Por trás da coxia

Texto: Laura Machado e Thalys Augusto

O jornal que você tem em mãos é resultado de uma rotina produtiva singular composta por estudantes de quatro disciplinas do curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação. Tudo começa com a produção de pautas pelos editores da disciplina de Impresso II, que são distribuídas e cumpridas pelos repórteres de Impresso I e pelos alunos de Fotografia para o Jornal Samambaia, as reportagens são revisadas em um processo de trocas entre editores, repórteres e fotógrafos, resultando na paginação, que é a seleção feita por Impresso II. O conteúdo do jornal é montado e organizado pelos estudantes da disciplina de Diagramação do Jornal Samambaia, passando pelo acabamento da monitora e da professora pra ser encaminhado para o Cegraf, onde é impresso.

A mutabilidade do Samambaia se explica pelo fluxo semestral de cabeças que pensam e decidem o jornal. Em uma edição o leitor pode contar com uma longa discussão sobre sustentabilidade enquanto na próxima descobrir as maravilhas do desenvolvimento a qualquer custo. A cada troca de turma a cara do jornal muda um pouco. As pautas propostas seguem os interesses e as influências do mundo de cada um dos novos editores, as angulações seguem a maneira como cada novo repórter vê a realidade, a diagramação e a fotografia mostram o olhar de cada estudante, mas um desafio sempre se repete: Sendo inúmeras as possibilidades de transformação desse material, como transformar essas possibilidades em produto?

artigo

Diálogo, o segredo do desenvolvimento

Por: Eufrásia Songa*

Auscultação é um termo técnico da área médica que significa "escutar os barulhos interiores de um organismo, controlando, desta forma, o funcionamento de um órgão a fim de perceber uma anomalia". Qual a necessidade de um jovem que se encontra na "diáspora" participar de um fórum de "auscultação" nacional para expor as suas preocupações? Há que se entender o porquê de tal indigência.

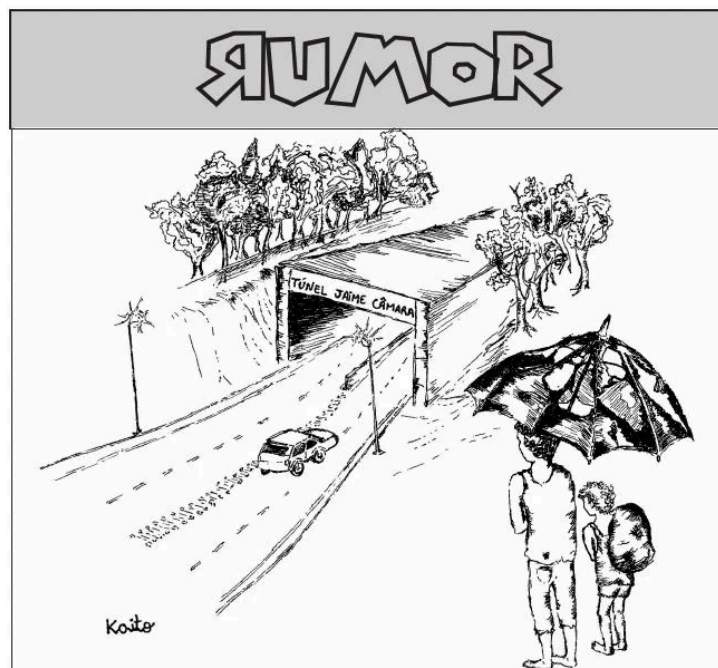
Depois da conquista da independência de Angola, o país se envolveu em um desastroso conflito armado, que perdurou por 30 anos. Isso significou – literalmente – um atraso no desenvolvimento dos vários segmentos do país. Um dos setores mais afetados naquele período foi a educação. Não era possível fazer um investimento no país e as poucas escolas que Angola tinha, na altura, foram destruídas.

Com o fim da guerra, em 2002, o governo angolano passou a investir na educação do povo. Com o objetivo de providenciar uma formação de ponta aos

cidadãos nacionais, o mesmo criou parcerias e convênios que visam encaminhar estudantes para o exterior e implementar mais infra estrutura no país.

Segundo o Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudos (INAGBE) de Angola, existem aproximadamente 16 mil bolsistas, distribuídos em diferentes cursos e pelas variadas Instituições de Ensino Superior (IES's) no interior e exterior do país. O investimento do governo angolano para manter os estudantes no exterior é elevado, mas isto não acarreta garantia de sucesso para os alunos. Estes que, muitas vezes, enfrentam dificuldades de várias ordens, o que chega até a provocar desistências.

Assim, mais uma vez levantamos a questão: há necessidade dos mesmos serem ouvidos? Com vista a criar um canal direto entre a juventude angolana e o governo de Angola, realizou-se o Fórum Nacional da Juventude, que ocorreu este ano em Luanda e contou com a participação de mais de 3 mil pessoas, dentre eles jovens angolanos que se encontram na "diáspora", em especial no Brasil.



Diagramação: Larissa Quixabeira

Samambaia

Ano XIII – Nº 64, novembro de 2013
Jornal Laboratório do curso de Jornalismo
Faculdade de Informação Comunicação
Universidade Federal de Goiás

Reitor
Professor Edward Madureira Brasil

Diretor da Faculdade
Professor Magno Medeiros

Coordenador do Curso de Jornalismo
Professor Edson Luiz Spenthof

Coordenadora Geral do Samambaia
Professora Luciene Dias

Editor de Diagramação
Professor Salvio Juliano

Editora de Fotografia
Professora Carolina Paraguassú Dayer

Monitoria
Larissa Quixabeira

Diagramação
Alunos da disciplina Laboratório Orientado –
Diagramação

Edição Executiva
Alunos da disciplina Jornal Impresso II

Produção
Alunos da disciplina Jornal Impresso I

Contato
Campus Samambaia - Goiânia/GO - CEP 74001-970
Telefone: (62) 3521-1854
E-mail: samambaiamonitoria@gmail.com
Versão online: issuu.com/jornalsamambaia

Impressão: Cegraf/UFG
Tiragem: 1000 exemplares



*Estudante de Jornalismo da UFG pelo Programa de Estudante-Convênio de Graduação (PEC-G). Natural de Angola-África.

comportamento

Universidade boa para cachorro

ATRAÍDOS POR COMIDA E ABRIGO, ANIMAIS ABANDONADOS SÃO MORADORES DO CAMPUS II E RECEBEM CARINHO DOS ESTUDANTES

Texto: **Miqueias Coelho**

Edição: **Karla Araújo**

Diagramação: **Larissa Quixabeira**

Não é novidade para quem frequenta o Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás (UFG) a convivência com os animais. O local, que era habitat dos macacos antes da construção da Universidade, agora vem sendo cada vez mais ocupado pelos cachorros, que ficam espalhados principalmente nos restaurantes e andando pelos pátios e corredores.

O aparecimento dos cães nos locais públicos não se restringe ao Campus. Segundo Marcos Café, diretor da Escola de Veterinária e Zootecnia (EVZ) da UFG, desde a aprovação de uma lei que proíbe que o Centro de Controle de Zoonoses capture animais saudáveis, ou que não apresentem ameaça, se tornou mais comum ver cachorros em lugares públicos. "Como no Campus existem muitas pessoas que alimentam os animais, isso faz com que muitos cachorros venham para cá. Pode ser que às vezes, o abandono nem acontece no Campus II, e sim em algum lugar perto", afirma.



Henrique Araujo é estudante de Sistemas de Informação na UFG e diz que não são raras as vezes que os cachorros aparecem. "Nas lanchonetes, quando estamos comendo, eles ficam parados perto das mesas. Eu não me incomodo, e até acho alguns fofos, mas tem gente que não gosta", relata o estudante, que também diz já ter visto pessoas alimentando esses animais. Marcos Café afirma que não adianta alimentar de forma esporádica os animais, pois isso acabaria atraindo mais cães. "Seria importante uma campanha para conscientizar as pessoas contra essa atitude, e assim incentivar a adoção, ou até uma atividade regulada de cuidado com esses animais", afirma o diretor da Escola de Veterinária.

Solução

O Centro de Gestão do Espaço Físico da UFG (Cegef) planeja uma reu-

nião com a EVZ para tratar do tema. Marcos Café relata que foi o próprio Cegef quem procurou a instituição. "Pensar isso é muito importante, porque assim nós podemos ensinar quem frequenta o Campus a cuidar desses animais na medida do possível", afirma Marcos Café, que acrescenta que os cachorros estão sujeitos a todo tipo de doenças. "Como são animais muitas vezes abandonados não dá para saber se foram vacinados ou não, ou se estão completamente livres da zoonoses, doenças que são transmitidas ao homem", completa o diretor da Escola de Veterinária.

O abandono dos cães é algo recorrente. Segundo uma das responsáveis pela Organização Não Governamental (ONG) de Defesa de Animais Miau Auau, Crys Vieira, muitas vezes os donos, cansados de cuidar, acabam abandonando e expondo os animais de estimação a todo tipo de problemas e dificuldades. "Os cachorros precisam das pessoas para sobreviver e é por isso que eles procuram locais movimentados quando são abandonados. É preciso lutar contra o abandono e incentivar a adoção por quem deseja cuidar", afirma Crys Vieira.

“Os cachorros precisam das pessoas para sobreviver e é por isso que procuram locais movimentados quando são abandonados”

Crys Vieira,
responsável pela ONG Miau Auau



Alguns alunos do Campus acabam se apegando aos bichos

Jovens invadem o mundo dos negócios

TRABALHAR COM O QUE GOSTA E SER O PRÓPRIO CHEFE É O SONHO QUE MOTIVA A NOVA GERAÇÃO A BUSCAR NOVOS EMPREENDIMENTOS

Texto: **Camila Teles**

Edição: **Laura Machado**

Diagramação: **Luisa Guimarães**

Elas têm entre 20 e 25 anos, são criativas, comunicativas e ótimos líderes. Mesmo com a pouca idade, já estão à frente de projetos de sucesso – e não pretendem parar por aí. Com exemplos como Mark Zuckerberg e Steve Jobs, fundadores do Facebook e da Apple, os jovens da chamada “geração y” querem se tornar empreendedores para abrir suas próprias empresas e unir o sucesso profissional à realização pessoal. Com características imediatistas e com afinidade instintiva em utilizar a internet, os adolescentes têm buscado subir os degraus da carreira cada vez mais rápido. Mas embora possuam vontade e disposição, os aspirantes a empreendedores precisam se atentar aos cuidados a serem tomados durante o longo caminho entre a

ideia e a abertura da empresa.

Cybelle Bretas, presidente da Associação dos Jovens Empreendedores (aje) em Goiás, diz que o primeiro passo para se tornar um empreendedor é promover um processo de autoconhecimento. É importante que o jovem entenda perfeitamente suas habilidades e analise o que o faz feliz e dá prazer. “Teoricamente, é isso que a pessoa fará pelo resto da vida”, diz ela. Além de conhecer seus limites, é imprescindível correr atrás de conhecimento prático e entender as premissas do mercado em que se pretende instalar a empresa para buscar colaboradores competentes e montar uma equipe.

Após buscar informações em empresas que vão desde clínicas médicas de sucesso a agências de comunicação, Matheus Mascarenhas decidiu abrir a Maxi Publicidade. Entre as dificuldades encontradas, ele cita com maior destaque a captação de capital financeiro e humano. “Quando entrei na faculdade ouvi um conselho que segui

desde então: olhe ao seu lado e descubra o melhor de cada pessoa”. Um mês antes de abrir a agência, Mascarenhas convidou quatro profissionais para trabalhar com ele, esperando que fossem eficientes a ponto de segurar a agência sozinhos. Hoje, o jovem empreendedor já abriu mais uma empresa, a agência digital MX Load. “O que impede que jovens abram seu negócio é a confusão em achar que incentivo é entregar uma empresa pronta. É preciso correr atrás”.

Miriam Pires da Costa é gerente do projeto Jovens Talentos da Aiesec, organização sem fins lucrativos presente em mais de 113 países e que possui escritório em Goiânia. Ela explica que, para o jovem, está mais fácil entrar no mundo dos negócios, já que o mercado precisa de constante renovação para se manter vivo. Os empresários querem ouvir o que esses consumidores, cada vez mais atentos a novas facilidades para agregar, têm a dizer.

Matheus Ribeiro, 20, também enxergou no mercado uma oportunidade de progredir com o próprio negócio e entrou em contato com o Sebrae em busca de consultoria. Hoje, o jovem comanda uma agência de comunicação em Goiânia que se insere na categoria hot shop, cujo foco é a criatividade e a versatilidade dos profissionais. Para ele, é importante incentivar o trabalho através da flexibilidade de horário e

da valorização de todos os envolvidos no processo até o produto final.

Para quem também pretende abrir uma empresa, Matheus Ribeiro dá dicas. “Sugiro muita pesquisa e cautela. É evidente que todo negócio tem a possibilidade de dar errado, mas é preciso minimizar os riscos”. Segundo ele, é importante calcular os gastos necessários e ter uma boa rede de contatos que futuramente possa gerar clientes. Para Mascarenhas, a sugestão é focar-se em trabalho, informação e criatividade, em todos os negócios. Ele dá um conselho valioso: não conte suas ideias a ninguém, a não ser que seja extremamente necessário.

Apoio

Em Goiás, diversas empresas atuam com incentivos à entrada dos jovens no mundo dos negócios. A Aiesec ajuda o jovem ao desenvolver nele a liderança, uma das competências aperfeiçoadas através de programas de intercâmbio e membresia. Os estudantes podem ir para outros países tanto pelo trabalho voluntário quanto pelo estágio, modalidades que a Aiesec oferece.

A Associação dos Jovens Empreendedores possui um projeto em parceria com o Governo do Estado, por meio da Secretaria de Indústria e do Comércio, denominado Programa Minha Primeira Empresa. O projeto é gratuito e beneficia pessoas que recebam a Renda Cidadã, Bolsa Família ou Bolsa Universitária. Realizado em seis etapas, o programa auxilia o jovem empreendedor na capacitação, acesso ao crédito e acompanhamento.

Além de oferecer consultoria aos interessados em abrir novos negócios, o Sebrae também possui um programa chamado Jovens Empreendedores: Primeiros Passos, destinado a crianças de 7 a 14 anos, com o objetivo de promover o entendimento de conceitos do mundo dos negócios.



Foto: Arquivo Maxi Publicidade

Empresa fundada por Mascarenhas recebeu prêmios 2013

Perfil do jovem empresário

- É dinâmico;
- Motivado pelos desafios;
- Procura impactar a vida das pessoas com boas ideias;
- Compartilha informações e conhecimentos;
- Domina as novas tecnologias.

s a ú d e

Homens resistem em ir ao médico

QUESTÕES CULTURAIS E FALTA DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE PREVENÇÃO DE DOENÇAS AGRAVAM O PROBLEMA

Texto: **Caroline Guimarães**
Edição: **Karla Araújo**
Diagramação: **Ana Letícia Santos**

Alaor Augusto tem 67 anos e vive em uma fazenda no interior de Goiás. Mesmo morando longe da capital, não deixa de fazer seus exames de rotina. Recentemente, ele teve uma inflamação na próstata, que foi diagnosticada rapidamente e não trouxe maiores complicações. “Principalmente quando vai chegando uma certa idade, não dá pra brincar com a saúde. Ainda mais eu, que moro em um lugar longe de hospitais. Por isso não deixo de ir ao médico, mas nem sempre foi assim”, lembra Alaor. Antes de se aposentar, ele era motorista e confessa que não se preocupava muito com a saúde. “Eu não tinha tempo pra nada, a vida era muito corrida”, completa.

De acordo com o diretor de Atenção à

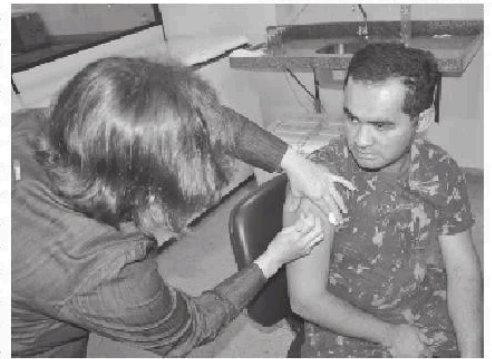
Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia, Sandro Rodrigues, os homens estão sofrendo cada dia mais com doenças devido a falta de prevenção. Principalmente na fase adulta (20 a 59 anos), eles acabam gerando comportamentos danosos à saúde, que podem trazer sérias consequências. “Muitos homens apenas se preocupam com problemas da próstata. Mas também é necessário medir a pressão e saber como está o coração, por exemplo”, explica o diretor. Segundo ele, muitos só começam a se preocupar depois de uma idade avançada, quando já podem estar com uma doença em estágio grave e sem possibilidades de recuperação.

“O homem tem mais resistência às ações de saúde e prevenção de doenças, principalmente na fase adulta”, explica o enfermeiro Wennisber Prado. Para ele, a solução desse problema é um modelo de atendimento especializado e de qua-

lidade e, principalmente, uma educação em saúde, ou seja, uma conscientização dos homens, que deve ser feita nos espaços onde eles se encontram, como nos locais de trabalho, por exemplo. “Além de mostrar aos homens a importância dessa prevenção, as unidades devem ter horários flexíveis e alternativos para atendê-los, com fins de emana e horário noturno”, completa.

Em Goiânia, é possível encontrar unidades básicas de saúde que oferecem consultas com profissionais especializados, sendo que, em algumas unidades é possível agendar horários flexíveis (noite e fim de semana). Essa é uma determinação do Ministério da Saúde que, em

Foto: ASCOM SMS/ Divulgação



Cuidados com a saúde são essenciais para qualidade de vida

2008, lançou a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, reconhecendo que os agravos do sexo masculino constituem problemas de saúde pública e que a atenção primária é a maneira mais eficaz de prevenir doenças mais graves.

c o m u n i c a ç ã o

FIC recebe estudioso sobre a rua

ADRIANO DUARTE RODRIGUES ACEITOU CONVITE DO CURSO DE JORNALISMO E MARCOU ATIVIDADES DA COORDENAÇÃO

Texto: **Bruna Aidar**
Edição: **Karla Araújo**

Arua é o “espaço público por excelência”. A afirmação é do professor Adriano Duarte Rodrigues, que escolheu este cenário para pensar a construção de identidades e analisar com sensibilidade as histórias que urna via carrega. O pensador português esteve na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG) onde se encontrou com alunos do Mestrado em Comunicação e falou sobre “A rua no século XXI: materialidade urbana e ‘virtualidade’ cibernética”.

O pesquisador é conhecido por seus estudos em Teorias da Comunicação, Análise do Discurso Midiático e Linguística. Aproveitando a vinda do professor ao Brasil, o coordenador do curso de Jornalismo, Edson Spenthof, o convidou para expor suas reflexões na UFG. Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, Duarte propôs um diálogo produtivo e instigante.

Para ele, a rua é cenário de interações, território de experiências e cristalizadora de identidades. O professor analisou a origem da palavra em vários idiomas, para tentar definir o que ela significa. Segundo Duarte,

quando se propõe a analisar algo, a primeira coisa que faz é procurar no dicionário. E é daí que surgem as duas definições que norteiam o seu pensamento: para os franceses e portugueses, a palavra vem do latim ruga. Já para os saxões e os alemães, vem do verbo sterno – espalhar, aplanar, cobrir.

A partir de então, o professor destacou como a rua guarda a tradição e a história de todos. As rugas, os sulcos, podem ser exploradas por quem quiser. Da segunda definição, ele inferiu que as ruas têm camadas, várias gerações e diversos acontecimentos sobrepostos, formando esse território que é a rua. Duarte falou ainda da passagem, identificada por ele, da posição

de território de interação para o das narrativas fragmentárias da informação midiática. Ele criticou a enxurrada de palavras pela mídia, que aos poucos substituem a palavra trocada, compartilhada na rua.

Sobre a rua como lugar de fixação de identidades, ele disse que, embora isso não seja algo absoluto, é nela que “somos reconhecidos pelos outros e onde os outros nos reconhecem, de acordo com os territórios que nele ocupamos e de acordo com os circuitos por onde passamos”. Ele também a destacou como uma objetivação da vida coletiva, que, por fim, dá sentido a essas identidades e inscreve nela memória de cada um dos que ali vivem ou por ela passam.

Direito de greve questionado em Goiás

APÓS REIVINDICAÇÕES, GOVERNADOR DECRETA CORTE DE PONTOS NOS DIAS DE PARALISAÇÃO

Texto: **Thais Alves**
Edição: **Jessika Moraes**
Diagramação: **Lorena de Sousa**

Nos últimos meses, Goiás passou por um grande número de greves, movidas, na maioria das vezes pela insatisfação com os salários e as condições de trabalho. No intuito de coibir esses movimentos grevistas o Governo lança mão de diversas ferramentas, tais como o Decreto nº 7.964, de 14 de agosto de 2013. No instrumento o governador, Marconi Perillo, declara que o servidor público que participar de greve terá, automaticamente, o ponto cortado e poderá responder a processos administrativos. Para o professor de ciência política da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, Francisco Tavares, o decreto tem uma série de problemas, tanto jurídico constitucional, como principalmente econômico político.

Segundo Tavares, o decreto, do ponto de vista político, mais do que indevido é um instrumento autori-

tário e demonstra que o governador do Estado quer atravessar o processo democrático instituído no País. Já do ponto de vista econômico, para o estudioso, o instrumento é um grande tiro no pé, por apostar em carreiras menos privilegiadas e atrativas, além de afetar na qualidade do serviço público do Estado. "Os melhores profissionais ao perceberem que no Estado predomina uma carreira que paga mal, e além de tudo tem menos direitos que no resto do país, vão buscar outros lugares para prestarem seus concursos e com isso nós ficamos com os piores servidores", afirma.

Além disso, Francisco Tavares ressalta a importância social da greve como principal instrumento de pressão e seu teor progressista, uma vez que pode aquecer a economia e ativar os direitos civis. Para ele, esse tipo de constrangimento no direito de greve gera um distanciamento entre capital e trabalho, o que significa concentração de renda, retração de mercado consumidor, levando a um enfrentamento entre as partes.

Policiais Civis

Desde 11 de junho do ano passado, os policiais civis do Estado de Goiás entraram três vezes em greve pela melhoria dos salários e condições de trabalho. O presidente do Sindicato dos Policiais Civis do Estado de Goiás (Sinpol-GO), Silveira Alves, afirma que o melhor é que houvesse diálogo entre o Governo e trabalhadores, mas que os seguimentos dos serviços públicos têm sido tratados com descaso. Ele ainda acrescenta que, nos últimos 11 anos, as conquistas só foram possíveis após movimentos grevistas. Quanto ao decreto que fere o direito de greve, o presidente afirma que o ato foi infeliz e que a categoria já entrou com ação direta de inconstitucionalidade para derrubar o decreto.

Quanto a este teor constitucional o presidente da Comissão de Direitos do Trabalho da OAB-GO, Jorge Jungmann, afirma que o decreto questiona a Constituição Federal, que assegura



Foto: Reprodução

Policia Civil: três greves em um ano

o direito de greve. Para Jungmann é inviável que governador tente coibir uma situação que é garantida por lei. Por outro lado, o presidente, atenta para a legalidade da greve que deve seguir os trâmites legais para que os direitos sejam assegurados.

O jornal **Samambaia** entrou em contato com a assessoria do Governador a fim de ouvi-lo e ficar a par da posição do Estado sobre o decreto e sua má repercussão, mas até o fechamento da matéria nenhuma resposta tinha sido repassada.

Foto: Thais Alves



Movimentos grevistas são cada vez mais constantes em Goiás

Servidores públicos devem ficar atentos a legislação específica

Direitos: o direito de greve é um direito constitucional do trabalhador atestado no Artigo nono da Constituição Federal de 1988 e na Lei de Greve nº 7.783/89 de 28 de junho de 1989. Apesar de ainda não ser regulamentado por uma lei comungada pelo Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal aplica também ao servidor público a lei voltada ao setor privado. É vetada a empresa de adotar meio de cons-

tranger o empregado no comparecimento do trabalho.

Deveres: a paralisação deve ser decidida em assembleia convocada pela entidade sindical e a notificação de greve deve ser apresentada no prazo mínimo de 72 horas. É obrigatório aos trabalhadores cuja paralisação resulte em prejuízo irreparável ou constitua um serviço essencial o mantimento dos serviços indispensáveis das necessidades inadiáveis da comunidade.

Carros antigos atrapalham trânsito de Goiânia

INSPEÇÃO DO DETRAN É DEFICIENTE E POSSIBILITA QUE AUTOMÓVEIS CONTINUEM TRAFEGANDO

Texto: **Ananda Petineli**
Edição: **Eufrásia Songa**
Diagramação: **Thainara Pedatella**

A quantidade de carros antigos trafegando nas ruas é um problema que, ainda hoje, atinge as cidades brasileiras, até mesmo os grandes centros urbanos. Apesar de recentes políticas governamentais de redução e, inclusive, isenção de impostos para incentivar a venda de automóveis novos após a crise financeira mundial de 2008, o número de carros antigos em circulação ainda é grande.

De acordo com o Departamento de Trânsito de Goiás (Detran-GO), dos mais de 1,05 milhão de veículos de Goiânia, cerca de 517 mil têm 10 anos de fabricação ou mais. Segundo a doutora em Transportes e professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), Erika Cristine Kneib, carros que circulam há mais de 10 anos tendem a ter menos segurança e poluir mais, o que demanda maiores cuidados com manutenção.

Contudo, a especialista alerta que o principal problema não é a idade do carro e, sim, a falta de medidas de revisão e conservação do veículo, para impedir, principalmente, graves acidentes. “Carros antigos que possuem uma manutenção adequada, normalmente, não causam problemas. A questão é que a maioria dos proprietários não quer ter custos com manutenção, e acaba por circular em condições muito precárias e que geram muita insegurança”, afirma.

Kneib ressalta ainda que a maneira mais eficaz de impedir tais problemas é a fiscalização destes automóveis. Ela defende que é de responsabilidade do poder público verificar a documentação dos veículos, averiguar as con-

dições de manutenção e retirá-los de circulação, caso não atendam aos padrões de segurança exigidos.

A especialista também sugere a adoção de outras medidas para diminuir o risco que os carros antigos apresentam para o trânsito. “Outras cidades, em nível internacional, têm adotado um imposto por propriedade que é elevado conforme aumenta a idade do veículo. Isso é adotado para desestimular a posse e o uso de carros antigos e, consequentemente, sem manutenção”, propõe.

Deficiências

De acordo com o Art. 104 do Código de Trânsito Brasileiro de 1997, todos os veículos em circulação devem passar por uma avaliação obrigatória a respeito das condições de segurança, que é de responsabilidade do Conselho Nacional de Trânsito (Contran), e da emissão de gases poluentes e de ruído, que é de competência do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama). Tais órgãos são representados, no âmbito de Goiânia, pelo Detran-GO e pela Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (Semarh), respectivamente.

Apesar da determinação do Código, o gerente de Controle Regional do Detran-GO, Assis Silva Neto, declara que a inspeção dos itens de segurança dos automóveis ainda é deficiente. Segundo Neto, o ideal seria que os veículos passassem por uma inspeção veicular no momento da realização do licenciamento anual para atestar as condições adequadas de uso, conforme o Art.131 do Código de Trânsito Brasileiro.

Entretanto, o gerente declara que o Contran ainda não estabeleceu re-

gras para tal inspeção, como os itens que devem ser vistoriados no momento do licenciamento do veículo. Essa deficiência permite que os donos de automóveis em más condições consigam evitar a inspeção. “Hoje, o proprietário consegue licenciar o veículo apenas indo a uma das unidades do Detran ou do Vapt-Vupt, sem ter que fazer a vistoria”, admite.

Atualmente, os automóveis passam pela inspeção somente quando são transferidos para outro proprietário ou quando o dono muda de cidade. Isso também possibilita que veículos que estão na posse da mesma pessoa por bastante tempo se livrem da vistoria. Ainda de acordo com Neto, o Contran está elaborando uma resolução para determinar as regras e a periodicidade da inspeção veicular, mas que não há previsão para que tais normas entrem em vigor.

Já no âmbito da fiscalização do tráfego de veículos na Capital, o órgão responsável é a Secretaria Municipal de Trânsito, Transportes e Mobilidade (SMT). A secretária da pasta, Patrícia Veras, informou que a SMT fiscaliza os documentos e os itens de segurança dos automóveis, autuando os motoristas e apreendendo os veículos que estão irregulares.

Veras ainda ressalta que a Secretaria realiza um trabalho de orientação dos condutores, a fim de aumentar a segurança, principalmente no caso de carros muito antigos. “O trabalho da SMT é realizado por meio de campanhas educativas, alertando os motoristas sobre a necessidade de estar em dia com a documentação e com a revisão da mecânica e equipamentos de segurança, como pneus, extintor de incêndio e cinto”, destaca.



Automóveis com mais de 10 anos são mais propensos a falhas mecânicas e poluição ambiental

trabalho

Terceirizados solicitam melhorias

FUNCIONÁRIOS RESPONSÁVEIS PELA LIMPEZA NO CAMPUS SAMAMBAIA RECLAMAM DE PROBLEMAS TRABALHISTAS E FALTA DE MATERIAIS

Texto: **Alice Orth**
 Edição: **Jéssica Alencar**
 Diagramação: **Jovana Colombo**

Os trabalhadores da companhia contratada para a manutenção dos prédios do Campus Samambaia, da Universidade Federal de Goiás, têm contestado o não cumprimento de leis trabalhistas. Segundo eles, os problemas enfrentados são descontos indevidos nos salários, vale transporte e vale alimentação, falta de Equipamento de Proteção Individual (EPI), direito às férias postergado e número de auxílios insuficiente. Apesar de reclamações já terem sido feitas, os funcionários alegam que nada foi resolvido.

Com medo de retaliações, nenhum deles aceitou se identificar, seja por nome, idade ou por local de serviço. “Você recebe o contracheque, e tem um valor. Quando chega no banco, o dinheiro que você recebeu é outro. Cadê esse dinheiro? Tá indo pra onde, o meu dinheiro?”, questiona A., sobre os cortes no salário que foram constatados por alguns funcionários. “Você liga lá, fala que tá errado, e ninguém sabe de nada. Eu não tenho nenhuma falta, faço todo o trabalho direito, não me atraso, pra chegar no fim do

“
 Você recebe o con-
 tracheque, e tem um
 valor. Quando chega no
 banco, o dinheiro que
 você recebeu é outro.
 Cadê meu dinheiro?”

A.

Funcionária terceirizada

mês e descobrir que meu salário foi descontado”, diz ela.

R., colega de A., também sente o peso dessas diminuições: “De repente, tá faltando 20, 30 reais. Às vezes falta muito mais, vem quase pela metade. Meu vale transporte tem que ter mais de 200 reais, e esse mês eu recebi 122. Como eu vou vir trabalhar?”. Outra funcionária, C., grávida de nove meses, diz que só conseguiu ir ao médico uma vez durante a gestação. Mesmo apresentando atestado médico, ela conta que cerca de 100 reais foram descontados por um dia de ausência. Impossibilitada de realizar trabalhos pesados, a gestante declara que teme não receber a remuneração integral e que não sabe se conseguirá se retirar por licença maternidade.

Além disso, os trabalhadores exigem que seja distribuído equipamento de proteção suficiente. “A gente recebe luvas, de vez em quando, já recebi botas usadas. Mas agora estou sem, estraga e ninguém repõe”, explica A. Segundo a legislação brasileira cabe ao empregador fornecer material para a segurança e garantir que sejam utilizados adequadamente. “Não tem advogado, o sindicato não ajuda e ainda apoia a empresa quando a gente vai atrás. A gente sabe que não pode, sabe que precisa, mas vai usar o quê?”, conta C.

L. diz que é empregada pela empresa há mais de dois anos, e apenas recentemente obteve o direito às férias. “Estou doente, já tive que fazer cirurgias, e só consegui férias para o ano que vem. Quando confirmei que vou tirar, começaram a parar de pagar todo o vale transporte. Eu ainda tô trabalhando, será que eu não preciso mais pegar ônibus?”, questiona ela. Seu FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), ainda segundo L., também não tem sido devidamente pago. Demitir-se, para ela, não é uma opção: “Não retiro o que tem porque não é quase nada, e se sair, fico



Fotos: Matheus Ferreira

Falta de material de trabalho é um dos problemas dos funcionários terceirizados

sem esse dinheiro e sem acerto de contas, porque eles vão me pressionar até eu pedir demissão. E depois não tem onde trabalhar, é difícil”. De acordo com a Lei nº 8.036/90, o empregador é obrigado a depositar mensalmente, na Caixa Econômica Federal, o equivalente a 8% da remuneração do empregado.

Outra reclamação dos trabalhadores é a quantidade de contratados incompatível com a necessidade do campus. Para a limpeza e manutenção de um prédio inteiro, na área em que trabalha M., cerca de quatro pessoas são designadas. “Ainda é muita coisa”, conta. “Se uma pessoa falta, a outra tem que cuidar do andar inteiro. Já aconteceu de o pessoal faltar, ficar doente por mais de mês, uma ser transferida pra cobrir a falta em outro lugar e eu tive que cuidar disso tudo sozinha”.

O gestor Gleidson Calisto, responsável pela relação da terceirizada com a Universidade, responde que há documentação sobre salários e licenças e

elas serão conferidas para detectar irregularidades. “Vou verificar cada uma dessas situações. Primeiro vou notificar a empresa, e relatar a situação de forma a não citar nomes”, promete ele. Sobre o equipamento de proteção, diz que “notificou recentemente a empresa sobre a obrigação de fornecê-los” e visitará os trabalhadores para pesquisar a situação.

Quanto ao número de funcionários, Calisto concorda que há dificuldades: “A Universidade precisa reformular as planilhas de custo. Estou trabalhando nisso e apresentarei à PROAD (Pró-Reitoria de Administração) os custos do acréscimo. Precisamos aumentar o número de colaboradores, a UFG de 2006 para cá dobrou de amanhã”. A empresa contratante, quando procurada, não quis dar entrevista. Segundo uma funcionária que também preferiu não se identificar, irregularidades nos pagamentos e nos materiais fornecidos são desconhecidas e serão analisadas caso os trabalhadores desejem formalizar as reclamações.

transporte

Passage livre para Shangri-lá

ÔNIBUS COM NOME BUDISTA LEVA GÊMEOS COM NOMES CRISTÃOS PARA ESCOLA SEM NOME ALGUM

Texto: **Kaito Campos**
Edição: **Karla Araujo**
Diagramação: **Bruna Aidar**

A bordo do Shangri-lá, ônibus que circula entre o bairro homônimo e o Setor Itatiaia, na região norte de Goiânia, Marilza Rocha não tinha como prever, mas faltavam poucos minutos para descobrir que talvez não precise mais pagar a passagem de ônibus ao levar os gêmeos Davi e Daniel, de sete anos, para a escola municipal onde estudam. Foi só depois de desembarcar e se encontrar com dois repórteres, um com uma caneta na mão e outro com uma câmera, que a informação chegou a ela e lá girou as manivelas do corpo que fabricam a sensação de alívio.

“La favorecer muito, né? Tomara que dê certo, porque vai ser bom demais para a gente”, disse Marilza e foi terminar de deixar os filhos na entrada da escola, que deve ser mantida em anonimato, a pedido da coordenadora. Já do outro lado do muro, onde as salas de aula ainda aguardavam o sino da uma hora para engolir a gritaria das crianças

no pátio, Neide Maria tinha uma razão e um revés para a proposta tornar-se lei. Neide, que se nomeou como a mulher do portão desta escola, narrou a história de uma aluna que ia e voltava sozinha e “há uns meses, caiu no ônibus, machucou a perna e teve até que fazer cirurgia. A menina era especial e os pais não tinham condições de vir com ela todo dia, mas meu medo é que os pais usem o sit-pass para fazer outras coisas e o problema continue”, contou.

Sobre o medo de Neide, o promotor de Justiça Alexandre Vieira respondeu listando os problemas que a lei, proposta por ele ainda em dezembro de 2012, pode resolver. “No caminho da escola, as crianças podem se perder e estão sujeitas à violência de gangues, abuso sexual, todo tipo de perigo. Muitos pais não têm condições de pagar o ônibus, então eles levam os filhos ao ponto e contam com a sorte”, relatou. Segundo o promotor, conceder o passe livre aos pais de alunos da rede pública com menos de 12 anos foi uma reação à falha do poder público de não conseguir posicionar escolas suficientes perto das ca-



Gêmeos, Davi e Daniel, depois de pegarem o ônibus chegam à escola

sas dos estudantes. Para a lei operar na ciranda das catracas, falta a resposta da prefeitura de Goiânia, que, ao ser notificada, pode tanto recorrer quanto cumprir com a proposta. Neste último caso, as máquinas cobradoras deverão sinalizar a luz verde sem pedir nada em troca aos pais e mães beneficiados até 60 dias após a decisão. Caso contrário, a prefeitura vai acumular multa no valor de R\$ 100,00 multiplicado pelo número de pessoas prejudicadas, multiplicado pelo número de dias inoperantes.

Nem o promotor Alexandre Mendes, nem as mães que acompanham os filhos até a escola por Shangri-lá afora poderiam saber que do outro lado da linha da Procuradoria Geral de Goiânia tem uma informação desagradável. De

acordo com a procuradora Anne Cristina Naves, a prefeitura vai recorrer à proposta, porque não tem orçamento suficiente para cobrir as passagens dos pais.

“Conceder o passe livre aos pais de alunos da rede pública com menos de 12 anos foi uma reação à falha do poder público de não conseguir posicionar escolas suficientes perto das casas dos estudantes

Alexandre Mendes,
Promotor



Alunos aguardam o início da aula no pátio da escola sem nome, no setor Shangri-lá

Mesa goiana, comida emprestada

VONTADE DE IDENTIFICAR AS CARACTERÍSTICAS ÚNICAS DA TRADIÇÃO GOIANA MOTIVA CHEFES A PERCORREREM O INTERIOR DO ESTADO

Texto: **Marco Faleiro**
Edição: **Thalys Augusto**
Diagramação: **Bruna Mitchell**

A exemplo do Brasil, formação do povo goiano é muito difusa. Vários povos participaram da fundação dessa sociedade – goianiense em especial – no coração do país. E é por isso mesmo que são muitas as tentativas dos estudiosos de entender a fundação sobre a qual foi construída nossa cultura.

Na época das capitanias, o Estado de Goiás ficou por muito tempo isolado dos negócios da capital, da colônia e da metrópole. Os sistemas de comunicação não chegavam aqui, nem os mais rudimentares processos de industrialização. Somente os bandeirantes e alguns mercadores se aventuravam a adentrar no nosso cerrado.

A construção de Goiânia foi idealizada somente na administração do presidente Vargas, com a iniciativa da Marcha para o Oeste. A intenção era acelerar o desenvolvimento e incentivar

a ocupação do Centro-Oeste brasileiro. Atraindo assim trabalhadores e aventureiros de todas as regiões do País.

Cenário

Com isso, a maior influência sobre essa “jovem cultura” foi a indígena. E isso se manifesta até hoje em vários aspectos das nossas tradições, mesmo que despercebidamente. É o que a historiadora da Faculdade de História da UFG Cristina de Cássia destaca: “os traços mais comumente eleitos como constituintes da identidade goiana foram simplesmente adotados e produtos tidos como goianíssimos, como o pequi, são encontrados em várias regiões”.

E não seria diferente com a alimentação. Cristina lembra que as bases da culinária goiana se sustentam nos antigos hábitos dos povos que aqui habitavam antes da colonização. “Mandioca, milho e todos os derivados desses vegetais são elementos que já podiam ser observados desde antes da chegada dos

Bandeirantes”, ressalta.

A professora de História de Goiás considera muito difícil elencar um perfil identitário do indivíduo goiano. Para exemplificar essa linha de raciocínio, ela cita o caso da pamonha. Esse prato tradicional e feito com o aproveitamento de quase a totalidade do milho é tido por muitos como um fator enraizado na cultura goiana. O leitor provavelmente se recorda de histórias dos avós, em que a família inteira se reunia para descascar o milho e fazer a pamonha. Mas Cristina afirma categoricamente: “a tradição da pamonha está tão ou mais presente na cultura mineira do que aqui. Além disso, a pamonha é prato originalmente indígena”.

Para ela, esse é o principal problema que o pesquisador encontra quando tenta traçar uma espécie de característica frequente e exclusiva do povo goiano. A historiadora lembra que o que mais se observa são as tentativas de “manufaturar” tradições de destaque, como quando o político Darcy Acorcy tentou fazer de Goiânia a capital brasileira do country.

Tradições

E é aí que iniciativas de pesquisa de campo e valorização das tradições do povo se mostram tão interessantes. Um desses projetos é de autoria da Associação Goiana dos Profissionais e Estudantes de Cozinha. A AGPEC idealizou e vem promovendo um festival que constitui uma viagem pelos sabores da comida goiana.

A primeira parte do Festival Pitadas foi de uma expedição de chefs goianos e paulistas às cidades goianas em busca das peculiaridades da gastronomia do Cerrado. Eles estão encarregados de explorar os temperos goianos e documentar tudo aquilo de mais saboroso e criativo.

A jornalista e cozinheira profissio-

“
A tradição da pamonha está tão ou mais presente na cultura mineira do que aqui. Além disso, a pamonha é prato originalmente indígena”

Cristina de Cássia,
Historiadora

nal Ana Carolina Guimarães reafirma a importância desse tipo de projeto. Ela, além de jornalista, é um dos chefs que compõem o grupo explorador. Ana relata que a Expedição é uma consequência, ou uma necessidade do festival.

A Expedição Pitadas, que deve se tornar uma empreitada contínua, pretende mapear as referências gastronômicas no Estado com potencial turístico e econômico. O grupo de cozinheiros e pesquisadores vai observar e experienciar a história e as tradições de famílias que fazem o que chamamos de comida típica goiana. Todos os dados coletados por meio de fotos, vídeos e diários de bordo serão expostos para todo o País durante o Festival em outubro.

A historiadora Cristina de Cássia ainda declara que a culinária é muito importante para a identidade de um grupo. Em cima disso, ela comenta: “é de extrema necessidade que se façam estudos de campo e que se descubra o que se passa dentro da casa dos goianos comuns. Só assim vamos descobrir o que é ser goiano de verdade”, diz.



Apesar de ser um prato típico, poucos goianos conhecem a origem da tradicional pamonha

O pop não poupa ninguém

GRANDE MÁQUINA POR TRÁS DOS HITS DE SUCESSO É RESPONSÁVEL POR ALAVANCAR O MERCADO

Texto: **Júnior Bueno**
Edição: **Karla Araújo**
Diagramação: **Larissa Quixabeira**

As músicas mais tocadas nas rádios do Brasil são Te esperando, de Luan Santana, Show das Poderosas de Anitta e Piradinha, de Gabriel Valim. Entre os termos mais procurados no Google em agosto de 2013 estão Miley Cyrus e One Direction. São os atuais fenômenos do pop e por trás destes artistas existe uma máquina de produzir música em larga escala, de modo que sempre tenha uma novidade sendo lançada ao menor sinal de cansaço da anterior.

Para fabricar um hit campeão de acessos no YouTube e tocado à exaustão nas rádios há uma fórmula, segundo o produtor de sertanejo universitário Marcelo Dinelza. "Tem que grudar na cabeça, mesmo que a mensagem seja vazia" ele diz, ironizando os atuais topos da parada: "Cabelo espetado e iPhone na mão e a mente cada vez mais distante do coração".



De atitude e visual novos, Miley Cyrus se mantém no topo das paradas de sucesso

Com popularização da internet no fim dos anos 90, a indústria musical sofreu um golpe que a obrigou a se reinventar. A democratização de ferramentas de edição de som e vídeo tornou mais fácil a qualquer um lançar uma música na web e se tornar razoavelmente conhecido nas redes sociais. Como a cantora de forró Stéfany, famosa em 2009, graças à Melô do Crossfox e também o astro teen Justin Bieber que teve a música mais tocada e recordista de acessos no YouTube em 2010, *Baby*.

Mesmo nesse espaço aparentemente democrático, quem tem uma grande estrutura por trás garante um

espaço mais aconchegante ao sol. Em março deste ano o *Jornal Extra* publicou uma matéria que acusa os campeões de visitas no YouTube Munhoz e Mariano e Luan Santana de usarem um esquema que fraudava a contagem de acesso dos vídeos de suas músicas no site. Os empresários dos cantores não negam nem confirmam.

Outra característica do pop é a rápida substituição de nomes e rostos de uma temporada para outra. A premiação da MTV americana neste ano trouxe a estrela teen Miley Cyrus

numa performance onde ela dançava e se insinuava de maneira que chocou o público conservador daquele país. Miley ofuscou as cantoras Lady Gaga e Katy Perry, que na mesma noite lançavam novas músicas e foi a cantora mais comentada da noite, para o bem e para o mal.

Isso ilustra a disputa, por vezes selvagem por mais espaço, cada vez menor pra tantos artistas e a maneira que muitos usam para alcançar este sucesso, o choque gratuito. O advogado Thiago Henrick que possui um blog sobre música é taxativo: "Desde a década passada a música americana sobrevive de hits, somente hits. Há mais cantoras que o necessário no mercado, elas estão todas iguais", afirma.

Há quem se renda a esse mercado em busca dos 15 minutos de fama prometidos por Andy Warrol, mas tam-

bém há quem busque ser reconhecido dentro de um mercado restrito, como os roqueiros da banda goiana The Galo Power. "Não temos a menor intenção de ser *mainstream*, nosso caminho é autoral e o nosso público é o público de *underground*" diz o baterista da banda, Evandro Galo.

Mas é possível obedecer à lógica do mercado e ainda sim ser criativo e independente? Thomas Heckman, tecladista do grupo acha que, apesar de difícil, existem as exceções ao sistema e cita o duo White Stripes como exemplo. A trajetória do The Galo Power, que lançou em outubro o segundo CD, vai na contramão da indústria cultural de Goiânia: cantam em inglês um rock com influência dos anos 70. Em todo o caso, para o terceiro CD eles pensam em lançar músicas em português. O pop não poupa ninguém.



Ensaio da banda de rock independente The Galo Power, que faz música com influência dos anos 1970

Foto: Caroline Almeida

comportamento

Artes a favor do Jornalismo

ESTUDANTES VIVENCIAM APROXIMAÇÃO QUE ULTRAPASSA A ESPECIALIDADE E ESTIMULA O CARÁTER HUMANO

Texto: **Marina Romagnoli**
Edição: **Eufrásia Songa**
Diagramação: **Leandro Stoffels**

Alunos do curso de Jornalismo da UFG procuraram participar e conhecer melhor a arte ainda no período acadêmico. Essa busca se dá pela necessidade da profissão de comunicar sobre assuntos muito diversos e também por uma vontade individual desses jovens de se abrirem a novas experiências. Na UFG é possível encontrar vários alunos que estudam no Centro de Educação Profissional em Artes Basileu França. O Centro de Educação foi criado em 2002 como uma ampliação da Escola de Arte Veiga Valle, e é a primeira instituição pública do estado de Goiás com caráter profissionalizante na área artística. O instituto forma profissionais em arte circense, artes visuais, música, teatro e dança.

O estudante de Mestrado da Faculdade de Informação e Comunica-

ção (FIC) e aluno de artes visuais do Veiga Vale, Frederico Ramos de Oliveira, afirma que o Jornalismo é uma área muito plural. Justamente por isso, ele ressalta a necessidade de especialização dos profissionais do campo. Esse conhecimento é obtido através de cursos nos quais os estudantes adquirem novas noções que, segundo Frederico, são diferenciais na formação do jornalista.

Já a estudante de graduação em Jornalista, Nathália Barros, afirma que o que a levou a procurar o Basileu França foi a vontade de experimentar coisas novas, de descobrir novas possibilidades e poder se dedicar e ocupar o seu tempo com alguma coisa da qual gostasse ou pudesse vir a gostar. Ela ainda observa que o teatro não deixa de ser uma forma de comunicação. E também afirma que ele possibilita às pessoas um maior conhecimento sobre si e sobre a relação do "eu" com o "outro", assim como o jornalismo.



Banca para Formação Inicial e Continuada (FIC) sobre o Oriente e sua cultura

Outro aluno do curso de Jornalismo que estuda teatro no Veiga Valle é Yago Rodrigues Alvim que destaca o processo criativo envolvido na arte e também o trabalho árduo, a entrega e o enfrentamento de si mesmo que o estudo do teatro requer. Yago, juntamente com Nathália, levou essa mistura entre Jornalismo e Arte para o ambiente acadêmico durante a sétima edição da Feira de Informação e Comunicação, a Feicom, na qual ministrou uma oficina de Jogos Teatrais em Diálogos em que foram usados exercícios e técnicas teatrais para pensar a entrevista jornalística.

Desconstrução

O jornalista formado na UFG e também aluno de teatro, Macloys Aquino, acredita que "uma coisa desconstrói a outra". Segundo ele, o

jornalismo fornece visão crítica para todas as outras instâncias da vida, o que é interessante e muito importante para o teatro. Por outro lado, ele afirma que o teatro oferece ferramentas de controle emocional que podem ser muito bem utilizadas na atuação jornalística.

Entretanto, Macloys considera as profissões de jornalista e ator de teatro opostas. De acordo com ele, o emprego como jornalista é uma atividade profissional como outra qualquer, um conjunto de relações que forjam gestos, vocabulários, narrativas e formas expressivas que passam relações de poder e que se cristalizam com o tempo. "No teatro, essa cristalização precisa ser quebrada ou, no mínimo, conscientizada apenas como forma expressiva e não como 'verdade' ou 'coisa natural', completa o jornalista.



Nathália Barros durante apresentação de "Cenas de Intolerância"

Benefícios e limitações do Vale Cultura

MINISTÉRIO CRIA PROGRAMA NACIONAL COM A PROPOSTA DE DEMOCRATIZAR O ACESSO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA ÀS PRODUÇÕES CULTURAIS

Texto: **Bruna Aidar**

Edição: **Jéssica Alencar**

Diagramação: **Luiz Fernando Carvalho**

O Vale Cultura foi sancionado e, quando colocado em prática, vai garantir aos beneficiados R\$50 mensais para adquirir CDs, DVDs e livros; ingressos para shows, museus, peças teatrais, cinema e festas populares; mensalidades de cursos de arte, fotografia, música, dança etc. A proposta oficial é democratizar o acesso aos bens culturais. “Alguma coisa vai aumentar. Aí vai depender da abrangência e da operacionalização”, pondera o sociólogo Francisco Rabelo.

André Luiz Bessa mora em Niterói e estuda Engenharia Civil. Segundo ele, com R\$ 50 mensais, os usuários do Vale conseguiriam apenas ir ao cinema – cuja média de preços gira em torno de R\$ 21. A professora da Universidade Federal de Goiás, Helissa Soares, concorda. “Acho R\$ 50 muito pouco para desfrutar de eventos em nossa cidade [Goiânia], eles acabam saindo mais caros”, diz. Ela diz

que optaria então por comprar um livro.

Alguns produtos culturais mais caros só poderão ser adquiridos caso o usuário acumule o benefício de mais de um mês – o que é permitido pelo programa. Além disso, as empresas poderão descontar até 10% (R\$ 5) do valor do vale no salário dos funcionários que não ganham mais de R\$ 3.390 (cinco salários mínimos). O programa também permite que aqueles que ganham acima disto sejam contemplados pelos seus empregadores. No entanto, para esses trabalhadores, o desconto pode chegar a 90%, o que significaria que eles teriam apenas R\$ 5 para gastar com bens culturais.

Abrangência

Segundo um levantamento encomendado pelo Instituto Pró-Livro e realizado pelo Ipobe em 2011, a média de livros lidos pelo brasileiro era de quatro obras por ano. Menor que em 2007, quando a média era de 4,7. Quando se consideram os livros lidos até o final, o índice cai para 2,1. A limitação finan-



Fotos: Fábio Alves

Mercado é o principal definidor das produções literárias vendidas no Brasil

ceira é importante, mas outros fatores influenciam esse panorama, como a escolaridade. Segundo Rabelo, a função da escola é permitir o acesso aos bens culturais, mas ela tem muita dificuldade em marcar o passo com a cultura.

Um estudo da consultora J. Leiva Cultura & Esporte, juntamente com a Fundação Getúlio Vargas e o Datafolha, que diz que o paulista não frequenta teatros e cinemas por falta de interesse, simplesmente. Foram entrevistadas 2.400 pessoas. Dentre elas, 29% alegaram não ter interesse em ir ao cinema; 32% responderam não ter vontade de ir ao teatro. O Pró-Livro também revelou, na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que apenas 10% dos entrevistados – 5012, no total, em todo o país – gostam de ir a teatros, museus, concertos e exposições no seu tempo livre.

A desigualdade cultural passa pela produção, não só pela distribuição. Para Rabelo, é necessário ponderar

quais setores da cultura recebem mais incentivo. “São aquelas que têm uma boa relação com o mercado. Pois bem, a criação cultural já nasce sobre a égide do mercado”, afirma o sociólogo. Assim, artistas independentes ficam no anonimato, reféns de eventos culturais que projetam apenas os produtos da indústria do entretenimento, como filmes hollywoodianos e best-sellers.

Rabelo afirma que as pessoas acessam os bens culturais como divertimento. “Eu não vou lá para que o cinema, o filme, me permita construir novos sentidos para a vida, sentidos renovados”, diz. Ele caracteriza o Vale Cultura como uma política compensatória, colocadas em prática porque não se atava a questão das deficiências no consumo cultural na fonte, onde se instaura a desigualdade. “Quando a sociedade não é democrática, a produção cultural também não é democrática”, pontua o sociólogo.



Instituto Pró-Livro e Ipobe apontam queda no índice de leitura entre brasileiros

c i d a d e

Acessibilidade ainda é um desafio

FALTA DE PADRONIZAÇÃO PARA AS CALÇADAS É MAIS UM OBSTÁCULO PARA A MOBILIDADE URBANA

Texto: **Mariana Felipe**
Edição: **Jéssica Alencar**
Diagramação: **Alice Orth**

“Se eu for falar de todos os problemas, a gente pode ficar aqui o dia inteiro”. Foi assim que o Seu José Nunes, cadeirante, começou a contar sobre os obstáculos que encontra todos os dias para transitar por Goiânia. Atleta pela Associação dos deficientes físicos do Estado de Goiás (Adefego) ele lembra que, nas viagens que fez, poucas cidades tinham as calçadas tão defeituosas como as da capital goiana. No ponto de ônibus próximo à Adefego, a calçada até possui rampa de acesso, mas é totalmente disforme e sem pavimentação.

Soneir Pereira, que também é esportista na associação, diz que o pior é disputar espaço com carros e ônibus.



Foto: Mariana Felipe

Atleta reclama das péssimas condições das calçadas

Ele contou que conhece muitas pessoas que já sofreram acidentes. “Se você não prestar atenção, eles batem atrás de você e quando as calçadas não estão ocupadas por carros, estão cheias

de buracos”, disse. Para Soneir, por incrível que pareça, uma das maiores dificuldades se encontra nos arredores do Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo (Crer): “Lá dentro é tudo arrumadinho, mas as calçadas em volta são todas esburacadas. É muito difícil chegar até o instituto”, lamenta.

Há quase 3 anos, Marcos Vinícius luta por acessibilidade. Segundo ele, o transtorno é diário e a disputa por passagem com carros e ônibus é o que mais dificulta a circulação nas calçadas, pois os motoristas, geralmente não têm respeito pelos

cadeirantes e estacionam em locais indevidos, deixando pouco espaço. Assim, são empurrados para a rua e o que já era difícil, passa a ser também perigoso. Para Marcos Vinícius não há nenhum exemplo de local com fácil trânsito em Goiânia.

Na maioria dos municípios brasileiros, a situação dos passeios públicos é de responsabilidade dos proprietários dos lotes. Isso pode explicar a falta de padronização que existe nas grandes cidades mundiais, como Berlim e Nova York, mas ainda é um desafio para o Brasil. A equipe do projeto “Mobilize Brasil”, um portal sobre mobilidade urbana sustentável, considera que a construção e a manutenção das calçadas, devem ser de responsabilidade pública. As prefeituras teriam as melhores condições de promoverem serviços de qualidade.

Sobram veículos e falta conscientização

COM O NÚMERO DE AUTOMÓVEIS CRESCENDO A CADA ANO, DEFICIENTES FÍSICOS PERDEM VAGAS

Texto: **Mariana Felipe**
Edição: **Larissa Quixabeira**

A previsão para 2015 é de que Goiânia tenha a mesma quantidade de pessoas e carros. Esse resultado veio de uma das pesquisas do Detran. Com esse excesso de veículos, o trânsito da cidade fica cada vez mais caótico e os motoristas reclamam da falta de lugares para estacionar. Seja pelo péssimo planejamento urbano, ou pela pressa que move as pessoas diariamente, essa é uma das desculpas dadas quando os motoristas são flagrados estacionados em vagas que são destinadas para deficientes físicos. Pela lei, pelo menos dois por cento delas devem ser exclusivas.

A pena para quem comete uma infração desse tipo é considerada leve, a

multa é de R\$ 53,20 e o motorista perde 3 pontos na carteira. De acordo com Lourdes Souza, assessora de comunicação da Secretaria Municipal de Trânsito, Transportes e Mobilidade, a SMT, no ano passado 1.059 condutores foram multados por estacionarem em vagas exclusivas para deficientes físicos. Mas Elizeu Gonçalves, 27 anos, afirmou que a cena é comum em Goiânia e a punição é rara: “Pelo que eu vejo, pelo menos, não há fiscalização”, completou ele.

Por muitas vezes, casos assim também são observados dentro da universidade. O aluno de Designer Gráfico da UFG, Paulo Lucas Araújo, afirmou ver isso acontecer algumas vezes no Campus II: “No estacionamento que fica próximo à Faculdade de Artes Visuais, eu já vi carros estacionados ilegalmente em vagas especiais por duas vezes e em uma delas, o estacionamento estava

quase vazio, não havia nenhuma necessidade do carro estar parado naquela vaga”, contou Paulo.

Conscientização

Na UFG, existe o Núcleo de Acessibilidade, que fica no Campus II. O professor Ricardo Teixeira, um dos coordenadores do núcleo, afirmou que não há vagas para todos os alunos em todas as unidades da universidade, por isso, quanto à especificidade de pessoas com deficiência, a situação pode se tornar mais difícil ainda. E a questão não se resume apenas a isso: “Pe passa por outro caminho, o da conscientização. A



Foto: Matheus Ferreira

Cadeirantes disputam vagas especiais com demais motoristas

questão atitudinal é, por certo, o maior problema que a UFG, e toda cidade, tem enfrentado quanto as reservas de vagas em questão”; esclareceu o professor.

C O M U N I C A Ç Ã O

Ondas sonoras desarmônicas

CORTES E DEMISSÕES TUMULTUAM RADIALISMO GOIANO

Texto: **Mardem Costa Jr.**
 Edição: **Renato Veríssimo**
 Diagramação: **Larissa Quixabeira**

O mercado radiofônico de Goiás ficou em alerta máximo nos últimos meses. Importantes veículos de comunicação em ondas médias, as famosas emissoras de rádio AM, cortaram juntos quase 100 postos de trabalho. O passaralho, jargão do meio jornalístico para as demissões em massa, não poupando diretores, locutores, técnicos e auxiliares. Os cortes atingiram em cheio as rádios Difusora (640 KHz), 730 (730 KHz) e Bandeirantes (820 KHz), especializadas em transmissões de jogos de futebol e debates esportivos.

As emissoras, por meio de comunicados, informaram que as demissões foram motivadas pela redução de investimentos publicitários por parte do Poder Público e também da iniciativa privada e ainda por conta de limitações técnicas das ondas médias. A qualidade de som do rádio AM é inferior ao som do FM e o custo de manutenção é mais elevado. Segundo as empresas, a única salvação é

a migração do sistema de ondas médias para a frequência modulada, conforme proposição das associações e sindicatos que representam os radiodifusores, acatada pelo Ministério das Comunicações.

Interesses

Por outro lado, o locutor Auvaro Maia critica a ganância dos donos de rádios: "Os empresários só visam lucrar muito, não preocupam se a emissora desenvolve um bom trabalho, se tem audiência ou não".

O presidente do Sindicato dos Jornalistas, Cláudio Curado corrobora a fala de Maia: "Estão fazendo uso político das concessões que possuem".

E na briga entre patrões, empregados e seus respectivos órgãos sindicais, os ouvintes são relegados ao segundo plano. A estudante de jornalismo Caroline, torcedora do Goiás, gosta de acompanhar os jogos do alviverde pelo rádio. E para ela, um dos pecados do rádio é tentar enganar o público, quando um jogo fora da cidade é transmitido direto dos estúdios da emissora, o famoso off tube. "A diferença é perceptível, pelo envolvimento do narrador e de toda a equipe presente. Acho que existem casos em que o off tube é perdoável, pela importância da partida. Mas, em casos em que apenas a comodidade ou os custos contam, acho que o off tube deve ser repensado."



Para locutor, empresários não se atém à qualidade do jornalismo

Um Outro Olhar

POR WÉBER FÉLIX



"I HAVE A DREAM"

Qual o sonho de uma criança quando entra em uma escola? Ele sabe realmente o poder que está sendo entregue em suas mãos? Claro que sabe. Tanto a criança quanto os pais sabem que o ensino é a porta para que o indivíduo possa crescer, alcançar espaços na sociedade e ter uma vida melhor. Não é à toa que a grande maioria das crianças ouve um simples, mas importante, conselho dos pais: "Meu filho! Dê valor ao ensino, ele é a maior riqueza que eu posso lhe deixar. Ninguém lhe roubará. E você terá uma vida melhor do que a nossa".

Mas ao contrário do que eu imaginava, nem todas as crianças têm acesso à educação de boa qualidade. Porque isso ocorre se todos nós somos iguais? Todos somos crianças e temos sonhos. A verdade é que existem diferenças entre as pessoas. Diferenças que se arrastam por mais de 500 anos nesse País e que é invisível aos olhos de todos. Eu sempre sofria uma ameaça dos meus pais para que eu desse o real valor ao esforço deles em pagar uma escola particular: "Meu filho! Estude, senão vamos tirá-lo de lá e colocá-lo para trabalhar". Morria de medo que isso acontecesse. Desde pequeno eu pensava: "Como vou trabalhar? Tenho que estudar, não posso perder meu tempo trabalhando". Perder esse tempo significava que não poderia realizar meus sonhos no futuro.

Que triste engano! Enquanto eu lutava para apreender as contas de matemática, aprender um pouco da importância da Física e da Língua Portuguesa eu não sabia que outros colegas, vizinhos de casa, lutavam com algo mais difícil: meninos da minha idade trabalhavam e estudavam. Essa atividade laboral era tão importante quanto o estudo. Famílias inteiras que sempre trabalharam juntas para conseguirem ao final de todo dia colocar comida em casa. O mínimo para sobreviver. Daí me perguntava: "Como eles vão para faculdade e realizar seus sonhos de vida? Como meu vizinho negro vai ser juiz como sempre sonhou se não pode estudar?"

Em 2008, época de vestibular para mim, vem o governo com uma conversa sobre cotas. Passei quase o ano todo tentando entender que programa era esse. Um dia um professor me explicou que era uma política compensatória para que jovens de escola pública, negros e indígenas pudessem entrar na faculdade. "Uma ajudinha do Estado". Que coisa ridícula, ajudar essas criaturas, que não levaram os estudos a sério, a tomar minha vaga em uma universidade federal. Eu

estudei muito e não abro mão dela para um negro. Só porque ele é negro, não é menos inteligente que eu. Teve as mesmas oportunidades, não aproveitou porque não quis.

Enfim ninguém tirou minha vaga, passei. No entanto, o meu choque foi ver no primeiro dia de aula que de 50 alunos, apenas dois eram negros, nenhum indígena. Uai! Se existem as cotas porque eles não estavam ali. Fiquei intrigado com isso. Comecei a estudar sobre a temática e a me questionar, quando então comecei a entender que alunos de escola pública, negros e indígenas não têm as mesmas oportunidades. Eles são marginalizados e sofrem com uma tal "discriminação velada" que os coloca abaixo de todos os grupos. Ser negro está, muitas vezes, relacionado à situação de extrema precariedade e de poucos recursos. Toda uma situação complexa que os afasta do das universidades.

Mais estranho, é descobrir que a população brasileira é formada por quase 60% de negros e nos bancos das universidades esse percentual não é refletido. Na verdade, o ensino público superior, que em tese se destinaria a populações mais carentes, é ocupado por camadas mais ricas, que vão para os campi de carro do ano e com suas vestimentas de marcas compradas em shoppings. Isso tá errado! Toda a política educacional está às avessas. Mais do que intelectuais e gênios da sociedade dizem, as cotas não são uma ajudinha para reparar um erro histórico cometido contra os negros. As cotas são uma tapa na sociedade para fazer com que ela olhe para baixo e veja que existem negros, que eles foram e são massacrados, ignorados pelo sistema.

Quando se imaginaria que um negro vindo de escola pública chegaria a esse lugar? Muitos chegaram por acaso, um erro de percurso do sistema universal que não universaliza nada. Agora eles podem chegar e mostrar que são capazes e que existem. Ao contrário do que uma jornalista diz: "Para o cotista basta entrar na faculdade nem que seja por caridade e pela porta dos fundos". Poderia, mas não. Ele entra pela porta da frente e sai para a sociedade empoderado. Seu acesso não foi por caridade. Ele enfrentou dificuldades, trabalhou e estudou ao mesmo tempo. Ele entendeu que o ensino é a porta de realização de seus sonhos e agora formado ele volta para as escolas de base e ensina aos seus alunos que sim, a universidade é espaço para eles também. Todo são capazes de realizar seus desejos e quem sabe ser um excelente juiz do direito.

olhares

Sob muitas perspectivas

Texto: Thalys Augusto

A exposição *Goiânia 80 Anos: Diferentes olhares sobre a capital*, organizada pela Prof.^a Carolina Paraguassú Dayer, contou com mais de 100 imagens de estudantes fotógrafos da FIC, que tiveram a oportunidade de mostrar seu trabalho para os mais de mil visitantes no Portal Shopping em Goiânia.

Manifestações, centro de Goiânia, Setor Finsocial. Foram muitas as temáticas e bairros retratados. Cada nova foto permitia mostrar uma cidade que não conhecíamos. Contemplar ruas, construções e pessoas que na correria do dia a dia passam despercebidos.

Foto: Caroline Almeida



Estádio Serra Dourada

Foto: Leon Carelli



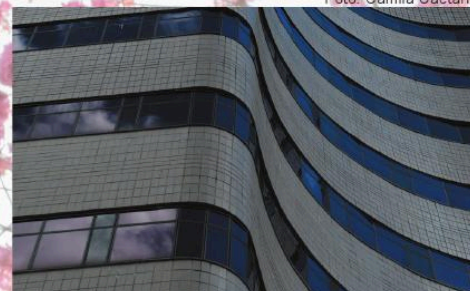
Setor Negrão de Lima

Foto: Vinícius Moraes



À espera de ônibus em Terminal

Foto: Camila Caetano



Detalhe de edifício em Goiânia

Foto: Caroline Guimarães



Cortejo artístico do 2º Sesi Aldeia Diabo Velho, centro

Foto: Luiz da Luz



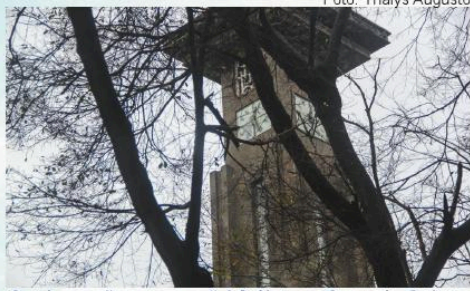
Viaduto Latif Sebbá

Foto: Gustavo Burns



Pista de skate no Residencial Itamaracá

Foto: Thalys Augusto



Que horas, são meu coração? Relógio no Centro de Goiânia

Foto: Larissa Batista



Comerciante do Mercado Central em Goiânia

Foto: Leon Carelli



Vista da Vila Finsocial em Goiânia